

# Pedagogas em formação e suas autopercepções com relação à (des)afinação no canto

## Comunicação oral

*Silvia Sobreira*  
*UNIRIO/UFPB*  
*Silviasobreira2009@gmail.com*

*Maura Penna*  
*UFPB*  
*maurapenna@gmail.com*

**Resumo:** O estudo aqui proposto parte do princípio que as pedagogas (ou professoras unidocentes) têm como uma de suas funções realizar atividades pedagógicas nas quais a música está presente, principalmente na forma do canto. O estudo parte da premissa que, além de benefícios individuais, se as pedagogas tiverem uma relação positiva com a música, serão capazes de, mesmo que intuitiva e inconscientemente, colaborar a inserção desta na Educação Básica. Os pressupostos da pesquisa-ação, segundo McNIFF e LOMAX (2003), fornecem as bases para os procedimentos metodológicos, enquanto a Logoterapia (FRANKL, 2014) é o referencial teórico que permite analisar os dados colhidos. A pesquisa encontra-se em sua fase inicial, portanto, como recorte para esse texto, a ênfase é dada na apresentação do tema, do referencial teórico e da metodologia a ser utilizada.

**Palavras-chave:** prática de canto; estudantes de pedagogia; pesquisa-ação; desafinação vocal.

## Introdução

A pesquisa aqui apresentada encontra-se em sua fase inicial, estando inserida no projeto de pesquisa “PERCURSOS DE ESTUDO E FORMAÇÃO MUSICAL: significações pessoais da relação com a música<sup>1</sup>”, coordenado pela professora Maura Penna, na Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Seu objetivo é estudar como a autopercepção quanto à falta de habilidades para o canto pode influenciar futuras pedagogas em suas práticas letivas. Nos moldes da pesquisa-ação propostos por McNiff e Lomax (2003), a pesquisa envolve estudantes universitárias do curso de Pedagogia da UFPB que se autodeclaram

---

<sup>1</sup> Pesquisa aprovada sob o protocolo CAAE 56274916.7.0000.5188. Para alguns resultados da mesma, ver Penna, Santos e Pinto (2018).

desafinadas ou “não cantoras”. É preciso ressaltar que o termo “não cantor” vem sendo utilizado em estudos de língua inglesa na intenção de se evitar outras expressões pejorativas — usuais na língua inglesa (SOBREIRA, 2016), mas comuns em outras culturas— atribuídos às pessoas desafinadas.

No Japão, o termo *onchi* (‘idiota para sons’) é aplicado àqueles que têm dificuldades de cantar afinadamente. Outras culturas têm termos tão depreciativos quanto esses, sendo equivalente aos rótulos de *growler*, *grunter*, *droner*, *tone-deaf* e *monotones*, que são encontrados na literatura de língua inglesa. (WELCH, 2017, p. 30).

O estudo tem como objetivo geral desenvolver a prática de canto com licenciandas em pedagogia<sup>2</sup>. Como recorte para este texto, serão apresentados os pressupostos teóricos que embasam o estudo, além de explicitar os procedimentos metodológicos previstos para atender aos objetivos.

## Medo de cantar e incompletude em relação ao fazer musical

Os efeitos de experiências negativas com o canto na infância já foram reportados na literatura (KNIGHT, 2002; SOBREIRA, 2016; WELCH, 2017; WHIDDEN, 2010; WISE, 2017). Em geral, tais experiências ocorrem em ambientes familiares, mas principalmente na escola, podendo trazer constrangimentos até a idade adulta. Como na maior parte dos casos esses acontecimentos ocorrem na infância, os indivíduos ainda não têm condições de se defender ou rejeitar o rótulo de desafinados. Assim, eles acabam deixando de cantar, contribuindo para iniciar um ciclo vicioso: a vergonha ou o medo de cantar geram falta de desenvolvimento das habilidades vocais; na sequência, a ausência de treinamento potencializa as dificuldades e o medo de cantar (WHIDDEN, 2010, p. 91).

Eu me lembro de saltar e cantar pelas ruas. Agora eu não me lembro o que cantava. Eu me lembro de cantar um pouco para minha irmã, mas eu não pensei que não pudesse cantar até a idade de 12 anos. Minha professora, meus amigos e eu estávamos no *Glee Club*, e estávamos nos divertindo muito. A professora parou e disse: “Alguém está desafinando aqui”. Ela disse:

---

<sup>2</sup> O texto assume o gênero feminino como padrão devido a estudos que comprovam a predominância feminina nos cursos de Pedagogia (GATTI *et al.*, 2019). Além disso, os procedimentos metodológicos exigem a imitação da professora/pesquisadora e a presença de homens dificultaria a imitação vocal.

“É você, Val, você é desafinado”. E continuou: “Você não tem as notas. Você não consegue acompanhar a música de jeito algum”. Eu retruquei que queria ficar no grupo porque todos os meus amigos estavam lá. Ela disse: “Você pode ficar, mas você não pode cantar, você só deve fazer a mímica das palavras, você não pode cantar”. Daí em diante eu assumi que era desafinado. Nunca mais cantei nos outros corais depois disso. Eu vou à igreja e, na maior parte do tempo, apenas faço a mímica das palavras. Se eu estiver com amigos em uma festa, eu também faço isso. (KNIGHT *apud* WELCH, 2017, p. 29).

A citação abaixo ilustra como a interdição ao canto pode ter consequências na vida de uma pessoa. Ela apresenta o depoimento de uma pessoa de 86 anos, interessada em entrar para um novo coro comunitário, aberto para “não cantores”:

Quando criança, eu adorava cantar. Eu cantava o tempo todo. Um dia, a professora da escola nos colocou para cantar sozinhos e nos dividiu em dois grupos: os pássaros azuis e os corvos. Eu era um corvo. Bem, eu cresci em uma fazenda e sei bem o som que os corvos fazem. Nunca mais cantei depois disso. Mas eu juro que antes de morrer eu quero aprender a cantar. (MACK, L., 1979 *apud* WELCH, 2017, p. 30).

Mas enquanto as consequências negativas causadas por professores que abalam a segurança de seus alunos têm sido devidamente reportadas, há poucos registros da influência de professores que sejam desafinados e as consequências de seu canto (ou não canto) na formação musical dos alunos, embora este fato seja mencionado na pesquisa de Abril (2007). Este autor apresenta um estudo no qual analisa a ansiedade de professoras unidocentes com relação à prática do canto. Quando se pensa em termos de formação musical do professor unidocente, essa relação parece ser algo que estimula estudos mais aprofundados.

Assim, acreditamos ser possível averiguar a relação entre a autoimagem negativa com relação ao canto junto às futuras pedagogas (professoras generalistas ou unidocentes) e os possíveis efeitos de tal concepção em sua prática pedagógica. Além disso, pensamos ser possível analisar os tipos de ações que poderiam ser promovidas no intuito de melhorar a relação com o fazer musical, tendo o canto como fio condutor da proposta.

O estudo parte da premissa de que o canto é uma potente forma de expressão e excelente instrumento de introdução ao fazer musical. De acordo com alguns pesquisadores (ABRIL, 2007; KNIGHT, 2010; WELCH, 2017; WHIDDEN, 2010; WHISE, 2017), é comum que

aqueles que não se considerem aptos a cantar acreditem que não possuam habilidades musicais gerais, fato que pode induzir a uma relação negativa com a música como um todo. Levando tal pressuposto em consideração e assumindo a extrema influência de pedagogas nos anos iniciais da Educação Básica, consideramos que ações que possam modificar tal sentimento tenham valia no que diz respeito às suas futuras atividades profissionais. Abril (2007) reporta que as três professoras que foram sujeitos de sua pesquisa acreditavam que a habilidade de cantar era inata ao indivíduo, um “mistério, algo que não se pode sentir nem ver, algo de dentro” (ABRIL, 2007, p. 13). Tais crenças vêm sendo debatidas por educadores musicais que acreditam que seja preciso “desconstruir o mito” do dom musical (SCHROEDER, 2004). Assumir essa perspectiva pode ajudar a favorecer uma relação mais saudável entre os indivíduos envolvidos com a prática docente e a música.

No terreno das artes, a música é aquela que mais permeia nossas práticas sociais. Mas, mesmo sem estar programada oficialmente como conteúdo ou disciplina, é praticada nas escolas (BRAGA, 2016). Essa constatação deveria ser suficiente para que houvesse maior cuidado na formação musical nos cursos de Pedagogia. Tal argumento é corroborado por Correa e Bellochio (2008), que acreditam que a aceitação da Música no currículo depende de algumas mudanças de perspectiva da escola sobre o ensino de música, sendo especialmente necessário conscientizar as professoras unidocentes e a gestão escolar de que a “música é uma área de conhecimento que deve ser introduzida na escola de maneira mais comprometida e reflexiva” (CORREA; BELLOCHIO, 2008, p. 60)

Também é preciso ressaltar que há estudos com foco na formação musical de pedagogas, desenvolvidos desde 2003 no âmbito do grupo de pesquisa FAPEM: formação ação e pesquisa em educação musical, da Universidade Federal de Santa Catarina. Tais pesquisas indicam que as professoras unidocentes reconhecem o valor da música em sua formação pedagógica (DALLABRIDA; BELLOCHIO, 2014). Com base em dados coletados com 23 professoras unidocentes, foi possível concluir que todas reconheciam a importância da música na escola, mas que se sentiam inseguras para fazer um trabalho propriamente musical (SPANAVELLO; BELLOCHIO, 2005)

O projeto aqui apresentado une esforços aos realizados por tal grupo, em concordância com as propostas do mesmo:

A realização de um trabalho que vise não somente fazer da música um recurso metodológico para os demais componentes curriculares, mas que esteja voltado para a construção desse conhecimento por parte dos alunos, de modo significativo e articulado aos objetivos da área, representa um desafio constante no trabalho dos profissionais da unidocência (SPANAVELLO; BELLOCHIO, 2005, p. 90).

Porém, a ação da professora unidocente lidando com conteúdos musicais ainda é um tema controverso entre os educadores musicais, existindo posições contrárias a tal atuação ou mesmo queixas de pedagogas que não se sentem devidamente acolhidas nos encontros da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM). Uma pedagoga entrevistada por Sobreira (2012) afirma ter ouvido, no intervalo de um dos cursos oferecido no Congresso Anual da ABEM de 2011, o seguinte comentário: *“Chato isso desses professores pedagogos aparecerem querendo tomar o nosso espaço no mercado de trabalho...”* (SOBREIRA, 2012, p. 154).

É necessário apontar que as professoras dos anos iniciais não se formaram em Letras, em Matemática ou em Ciências, mas devem lidar com esses conteúdos, introduzindo noções básicas de cada uma dessas áreas. Logo, não seria absurdo se também pudessem trabalhar com alguns elementos ligados ao campo da música, ajudando a valorizar esta arte como componente curricular nas escolas de Educação Básica.

Tratando de adultos que se consideram “não cantores”, Wise (2017, 129-130) argumenta que alguns desses indivíduos possuem “emoções negativas em associação com o cantar (como medo, ansiedade e vergonha), uma sensação de marginalização social e desgosto”. Sendo a voz o primeiro instrumento do ser humano, o canto pode ser usado de maneira a desbloquear pensamentos estereotipados em relação ao fazer musical, ajudando àqueles que se sentem “incapazes” em estabelecer uma relação mais positiva com a música e potencializando sentidos de vida nos quais a música seja um elemento propulsor e não castrador da imaginação e expressão artística. Em suma, orientando o indivíduo a melhorar sua autodefinição musical:

A maioria dos estudos que examinam as dificuldades musicais tira um instantâneo das habilidades das pessoas num determinado momento, em vez de observá-las durante um período, e não tenta fazer nenhuma intervenção. Ainda assim, surgiram algumas evidências que mostram que a intervenção é capaz de ajudar os ‘não cantores’ em duas áreas principais: identidade/visões de si mesmos e desenvolvimento de habilidades. Vários

estudos mostram que a autodefinição musical das pessoas pode melhorar quando lhes são dados apoio e estímulo em atividades musicais apropriadas. (WISE, 2017, p. 132).

A intervenção aqui proposta buscará observar as participantes em distintos momentos. As análises ou avaliações serão realizadas individualmente, para evitar constrangimentos, mas as ações serão realizadas em grupo.

Tendo exposto o tema, passamos a expor o referencial teórico que nos fornecerá as lentes para a análise dos dados colhidos.

## **Fundamentação teórica**

A pesquisa tem como base os pressupostos da Logoterapia, de Viktor Frankl (1905-1997). Segundo Miranda et al. (2016, p.76), “a Logoterapia é uma escola psicológica de caráter fenomenológico, existencial e humanista”, cuja função é trabalhar a dimensão saudável do ser humano. Os princípios desse tipo de terapia são defendidos por esses autores:

Dentre as vantagens presentes na Logoterapia de grupo, destacam-se três: os participantes aprendem que há pessoas com problemas semelhantes, ocorre a fala sobre seus problemas, facilitando a desinibição e existe a possibilidade de aprender com os outros e assim solucionar seus problemas. (MIRANDA et al., 2016, p. 75).

É preciso deixar claro que teoria do sentido de vida, tendo suas origens na psicologia clínica, ficou conhecida no Brasil pelo termo Logoterapia, o que leva a pensar que as ações nela baseadas envolveriam sempre algum tipo de terapia. Não é este o caso deste estudo, que apenas busca nos princípios desta teoria um referencial que ajude a contemplar a análise dos dados colhidos. Preferimos, portanto, referir à Logoteoria, ressaltando que seus princípios também têm fundamentado propostas pedagógicas (MIGUEZ, 2014; AQUINO, 2015).

Prefaciando o livro organizado por Damásio e colaboradores (2010), Izar Aparecida de Moraes Xausa — a primeira educadora a divulgar a obra de Victor Frankl no Brasil — argumenta que a Educação e a Psicoterapia buscam objetivos similares, já que esta última não visa apenas o tratamento, mas a reeducação. A educadora acrescenta que:

[...] os valores que as norteiam [Educação e Logoterapia] obedecem a uma hierarquia e devem ser realizados concretamente por pessoas conscientes que descobrem o sentido de suas vidas e o concretizam nas mais diversas situações existenciais, pessoais e sociais com vistas ao bem comum. (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010, p. 6).

Assim, ao tratar da aplicabilidade dos princípios da Logoterapia no contexto educacional, Damásio, Silva e Aquino (2010) expandem as possibilidades da Logoteoria, exemplificando que ela não precisa ser considerada apenas para uso no campo terapêutico.

Frankl concebe o ser humano como um ser tridimensional constituído pelas dimensões somática, psíquica e noética (ou espiritual). Na dimensão somática estariam incluídas a estrutura orgânica e fisiológica; na psíquica, as sensações, impulsos, comportamentos adquiridos, costumes, etc; a dimensão espiritual abrange as demais. É nessa dimensão que são encontradas, além da religiosidade, as decisões pessoais e a criatividade, por exemplo. A dimensão noética permite que o homem se posicione diante dos acontecimentos (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010, p. 13). Essas três dimensões interconectam-se, influenciando-se mutuamente, mas a dimensão noética está acima dos condicionamentos psicofisiológicos, não sendo, portanto, determinada pelas outras:

O acréscimo dessa dimensão por Frankl na dimensão ontológica do homem tem a sua relevância na medida em que, nessa perspectiva, o homem possui liberdade de se posicionar perante os condicionamentos físicos e psíquicos. (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010, p. 13).

Assim, pode-se pensar no aspecto físico como sendo provido pela hereditariedade e o psíquico pela educação; a dimensão espiritual, contudo, é algo que só pode ser encontrado pelo próprio indivíduo. Neste sentido, nosso projeto de pesquisa conecta-se com essas três dimensões: supondo que pessoas que se autodeclaram desafinadas possam ter algum comprometimento físico que origine tal problema, ainda lhes restaria a dimensão psíquica na qual a educação pode agir e, mais importante, a dimensão noética, que lhes permite fazer escolhas e criar outro tipo de autorealização, distinta daquela à qual possam estar atreladas, e que seria responsável por gerar sensações negativas em relação ao fazer musical.

Além da visão tridimensional do ser humano, a Logoteoria sustenta-se a partir de três pilares: a liberdade de vontade, a vontade de sentido e o sentido de vida (DAMÁSIO; SILVA;

AQUINO, 2010, p. 24). A **liberdade de vontade**, aspecto enfatizado na ação que propomos, está ligada à dimensão noética e "revela que o ser humano é um ser livre e responsável para decidir diante das possibilidades que a vida dispõe" (DAMÁSIO; SILVA; AQUINO, 2010, p. 24). Segundo os autores, essa liberdade está relacionada à missão individual de cada um. Articulando os fundamentos da Logoteoria ao contexto educacional, os autores destacam que "no contexto educativo, faz-se necessário capacitar o ser humano a encontrar significado em sua vida, como também, cumprir sua missão na sociedade" (DAMASIO; SILVA; AQUINO, 2010, p. 28).

### **Procedimentos metodológicos**

A pesquisa é de caráter qualitativo e segue os pressupostos da pesquisa-ação, sem intenção de generalização. Esse tipo de pesquisa adequa-se aos objetivos propostos, pois permite o aprendizado de todos os participantes, incluindo o pesquisador. Na pesquisa-ação, o sujeito pesquisado é valorizado por seu conhecimento específico e próprio na mesma horizontalidade do conhecimento adquirido na academia. Ambos, pesquisador e pesquisado, são sujeitos que aprendem juntos, não criando desconforto entre os dois tipos de conhecimento, mas proporcionando uma síntese que seja legítima para todos envolvidos. Neste sentido, mesmo considerando que as participantes principais da pesquisa se autodeclaram como não tendo capacidade de cantar afinadamente, elas, certamente, poderão compartilhar seus conhecimentos práticos e pedagógicos.

McNiff e Lomax (2003, p.12) enfatizam que na pesquisa-ação é necessário que o pesquisador se pergunte como ele pode aprimorar o que está fazendo para o mútuo benefício – dele e do grupo pesquisado. Ou seja, a pesquisa-ação propicia o crescimento tanto do seu realizador quanto dos participantes, de modo que, para esses autores, ela diz respeito a pessoas aprendendo em conjunto com outras. Para isso, é essencial que se tenha rigor na coleta de dados, para que se possa saber precisamente o que ocorreu e para que o pesquisador possa chegar a novos *insights*. A sistematização permite que os dados sejam colhidos não aleatoriamente, mas de acordo com algum plano. Eles apontam que é indispensável criar critérios de validação dos resultados. Para isso, além da opinião dos

próprios participantes, serão convidados três colegas pesquisadores para avaliar os resultados obtidos.

Os sujeitos da pesquisa serão pedagogas em formação, acima de 18 anos, que voluntariamente se disponham a frequentar o curso de extensão que será proposto para a fase de intervenção, desta forma participando voluntariamente da pesquisa<sup>3</sup>. Para localizar participantes interessadas, serão utilizadas redes de contatos de professores do curso de Pedagogia da UFPB, bem como redes sociais pessoais de alunos.

A partir do aceite deste projeto específico pelo Comitê de Ética, a pesquisa prosseguirá nas seguintes etapas, algumas paralelas:

- Estudo e aprofundamento do referencial teórico;
- Divulgação da proposta de pesquisa-ação junto às possíveis interessadas (pedagogas em formação na UFPB);
- Entrevistas e avaliação inicial (diagnóstica) com as participantes da pesquisa;
- Transcrição das entrevistas<sup>4</sup>;
- Criação de projeto de extensão universitária, voltado para o público das estudantes de pedagogia, mas incluindo como participantes alunos da Licenciatura em Música<sup>5</sup>;
- Intervenção, como eixo da pesquisa-ação, na forma de curso de extensão com aulas de musicalização em grupo, com ênfase em atividades de canto, embora não de modo exclusivo. São previstas cerca de 12 aulas (com duração de 90 minutos) em sequência (cerca de 3 meses), a depender do calendário letivo da UFPB ;
- Novas avaliações e entrevistas as participantes;
- Avaliação por pares dos resultados alcançados;
- Relatório e produção de textos para publicação.

---

<sup>3</sup> Todas as participantes assinarão um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

<sup>4</sup> As entrevistas serão transcritas em ortografia padrão, conforme indicado por Penna (2017, p. 143-144).

<sup>5</sup> Os alunos da Licenciatura em Música da UFPB poderão participar no intuito de tomarem contato com a prática pedagógica desenvolvida na pesquisa. Eles não serão sujeitos da pesquisa, mas participantes colaboradores. Contudo, também terão que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, como as demais.

Para validar a análise dos dados obtidos, serão consideradas os relatos das participantes sobre o processo de trabalho – sua autoavaliação e avaliação das atividades desenvolvidas –; dos alunos da Licenciatura em Música e da comissão constituída por professores da universidade. Além do processo como um todo, serão analisadas as que mudanças, na percepção das participantes, que possam ter ocorrido sobre suas relações pessoais com a música, e como o trabalho realizado influenciou aspectos relacionados a seu sentido de vida.

## Considerações Finais

Acreditamos que futuras pedagogas podem ter tido experiências desagradáveis ou relações negativas com o fazer musical, não incluindo práticas musicais em sua vivência – ou incluindo-as de maneira inadequada, como revelam ao cantar desafinadamente. Neste caso, é provável que elas tenham tendência, em suas ações docentes, a contribuir para o aumento de casos de pessoas que se sintam inábeis para o fazer musical.

Embora seja esperado que as participantes adquiram competência para cantar afinadamente, o objetivo principal da pesquisa é recuperar a relação com a música, modificando possíveis significações negativas que possam estar impedindo uma autorrealização mais efetiva e feliz com relação ao fazer musical. O impulso gerador para esse estudo foi a premissa de que, se as futuras pedagogas tiverem uma relação positiva com a música, serão capazes de incluí-la em sua prática educativa, mesmo que de modo intuitiva e inconsciente, desta forma contribuindo para a afirmação de sua importância na formação do ser humano.

Sendo assim, esperamos que esta pesquisa possa trazer contribuição no sentido de unir esforços na luta pela conquista de maior empoderamento da música nas escolas.

## Referências

ABRIL, Carlos R. I have a voice but I just can't sing: a narrative investigation of singing and social anxiety. **Music Education Research**, 2007, v. 9, n.1, p. 1-15. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1080/14613800601127494>> .Acesso em: 25 ago. 2019.

AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Sentido de vida e valores no contexto da educação**: uma

proposta de intervenção à luz do pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulinas, 2015.

BRAGA, Simone Marques. Canto coral e performance vocal: formação inicial dirigida à educação básica. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 16, n. 2, 2016, p.186-198 Disponível em <[https:// https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/45349/22452](https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/45349/22452)>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CORREA, Aruna Noal e BELOCHIO, Cláudia. A educação musical na formação de unidocentes: um estudo com as oficinas do “Programa LEM: Tocar e Cantar”. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 20, 53-62, set. 2008. Disponível em <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/issue/view/18/showToc> > Acesso em: 15 ago. 2019.

DALLABRIDA, Iara Cadore; BELLOCHIO, Cláudia Ribeiro. A educação musical nos anos iniciais do ensino fundamental: lembranças de professores unidocentes. *In*: CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA. 23, 2013, Natal. **Anais...** Natal, 2014. Disponível em <<http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/23anppom/Natal2013/paper/viewFile/2570/353>> Acesso em: 10 abr. 2019.

DAMÁSIO, Bruno F.; SILVA Joilson P. da; AQUINO, Thiago A. Avellar de (Orgs). **Logoterapia & Educação**: fundamentos e prática. São Paulo: Paulus, 2010.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza. Dalmazo Afonso; ALDEMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de (Orgs). **Professores do Brasil**: novos cenários de formação. Brasília: UNESCO, Fundação Carlos Chagas, 2019.

KNIGHT, Susan Dyer. **A study of adult ‘non-singers’ in Newfoundland**. (Tese). University of London, Institute of Education, 2010.

McNIFF, Jean; LOMAX, Pamela. **You and your action research project**. 2. ed. London; New York: Routledge Falmer, 2003.

MIRANDA, Fernanda Silva Miranda; DUARTE, Kyara Danielle Rocha; OLIVEIRA, Lenildo Lima; SANTOS, Liliâne Crispim; OLIVEIRA, Karen Guedes Oliveira. Prevenção do vazio existencial em adolescentes: perspectiva da Logoterapia na escola. **Logos & Existência**: Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise existencial. 5 (1) 73-88, 2016. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/viewFile/28039/16680>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MIGUEZ, Eloisa Marques. **Educação em busca de sentido**: pedagogia inspirada em Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2014.

PENNA, Maura. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música**. 2 ed. ampl. Porto Alegre: Sulina, 2017.

PENNA, Maura; PINTO, Ana Luiz; SANTOS, Susie. Relações com a música em diversos contextos de formação: significações e sentido de vida. **Revista da Abem**, v. 26, n. 40, p. 5-22, jan./jun. 2018. Disponível em <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/714>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SCHROEDER, Sílvia Cordeiro Nassif. O músico: desconstruindo mitos. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, 109-118, mar. 2004. Disponível em <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/issue/view/17>>. Acesso em: 10 maio 2019.

SOBREIRA, Sílvia. **Disciplinarização da música e produção de sentidos sobre educação musical**: investigando o papel da ABEM no contexto da Lei nº 11. 769/2008. Tese (Doutorado em Educação). Rio de Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Faculdade de Educação, 2012. Disponível em <http://objdig.ufrj.br/30//teses/794519.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2019.

SOBREIRA, Sílvia. Desafinação vocal: compreendendo o fenômeno. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n. 36, p. 130-146, jan./jun. 2016. Disponível em <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/search/advancedResults>> Acesso em: 17 maio 2019.

SPANAVELLO, Caroline Silveira; BELLOCHIO, Claudia Ribeiro. Educação musical nos anos iniciais do ensino fundamenta: analisando as práticas educativas de professores unidocentes. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 12, p. 89-98, mar. 2005. Disponível em <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/339>>. Acesso em: 15 ago. 2019.

WELCH, Grahah. Os equívocos a respeito da música. In: SOBREIRA, Sílvia (Org.). **Se você disser que eu desafino...** Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos / UNIRIO, 2017. p. 13-62. Disponível em <<http://www2.unirio.br/unirio/cla/ivl/publicacoes>> Acesso em: 22 maio 2019.

WHIDDEN, Colleen. **Hearing the voice of non-singers**: culture, context and connection. In: THOMPSON, Linda K.; CAMPBELL, Mark Robin (Eds). *Issues of identity in music education. narratives and practices*: a volume in advances in music research. Edição dos autores, 2010. p. 83-108.

WISE, Karen. Trabalhando com adultos “não cantores”. In: SOBREIRA, Silvia (Org.). **Se você disser que eu desafino...** Rio de Janeiro: Instituto Villa-Lobos / UNIRIO, 2017. p. 126-153. Disponível em <<http://www2.unirio.br/unirio/cla/ivl/publicacoes>> Acesso em: 22 maio 2019.